

DESASTRES NATURAIS: ASPECTOS PSICOLÓGICOS E TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO ORIUNDOS DE UMA INUNDAÇÃO

Maiara Lurdes Leite*

Sandro Rodrigo Sttefens**

Resumo

Em virtude das graves consequências psicológicas que acometem as vítimas dos desastres naturais, tais fenômenos vêm causando grandes preocupações não só para a população atingida, mas também para os órgãos governamentais responsáveis por prestar auxílio para as mesmas. Em 2015, o município de Maravilha/SC foi atingido por uma inundação que destruiu os lares de milhares de pessoas, trazendo grandes prejuízos para quase todos os munícipes. Perante isso, o presente artigo teve por objetivo investigar as principais perdas vivenciadas pelas pessoas que tiveram suas moradias inundadas bem como um possível desenvolvimento de Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Através da análise e discussão dos materiais obtidos de acordo com a metodologia proposta, percebeu-se que as perdas das vítimas entrevistadas ultrapassaram a esfera material e atingiram o campo simbólico. Referiram sentir-se com muito medo no dia do acontecimento e que quando há previsão de chuvas acabam revivendo o que aconteceu. Relataram ainda que, atualmente, sentem-se inseguras e preocupadas que o mesmo venha a acontecer novamente.

Palavras-chave: Consequências. Desastres naturais. Vítimas. Inundação. Perdas.

1 INTRODUÇÃO

“Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste”. (Sigmund Freud)

Desastres naturais são acontecimentos que, geralmente acarretam perdas materiais e sofrimento psicológico. Por suas graves consequências,

estes fenômenos vêm causando intensa preocupação. Assim como em outros fenômenos naturais que ocorrem no cotidiano urbano, esses episódios podem resultar em traumas que podem sensibilizar o indivíduo pelo resto da vida. Atualmente, as mudanças climáticas são alvo de destaque na mídia, uma vez que a população não se encontra preparada para lidar com situações de emergência. Ademais, as instituições que prestam serviços relacionados a esses acontecimentos visam mais as consequências do que a prevenção e o manejo, antes e durante a sua ocorrência. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em apenas quatro anos (2008-2012), 1.406,713 pessoas foram atingidas por enchentes ou inundações graduais no Brasil. Esses dados ressaltam a importância e a necessidade de um olhar mais atento acerca do assunto, uma vez que ele está diretamente ligado com questões de saúde mental. Dentre as várias formas de desastres, encontram-se as inundações, caracterizadas quando as águas de algum canal de drenagem transbordam. Com isto, uma das patologias mais encontradas em decorrência de tais acontecimentos está o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), o qual é desenvolvido em forma de resposta a um agente estressor traumático, sendo assim, é o objeto de estudo da presente pesquisa bem como a complexidade da percepção individual do fenômeno natural. Levando em consideração que as alterações cerebrais decorrentes de um trauma se dão através de uma resposta adaptativa, é necessário que o organismo gaste muita energia para (re) adaptar o seu equilíbrio, muitas vezes, sendo elaborado de forma psicologicamente prejudicial para o indivíduo. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo a identificação de Transtorno de Estresse Pós-Traumático oriundos de uma inundação no município de Maravilha/SC. Além disso, buscou-se identificar e investigar quais as principais perdas vivenciadas e as conseqüentes reações psicológicas dos munícipes de Maravilha/SC que tiveram seus lares inundados no ano de 2015.

2 DESENVOLVIMENTO

DESASTRES NATURAIS E INUNDAÇÕES

Segundo a Defesa Civil do Estado de Santa Catarina, os desastres são: Resultados de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem sobre um cenário vulnerável, causando grave perturbação ao funcionamento de uma comunidade ou sociedade envolvendo extensivas perdas e danos humanos, materiais, econômicos ou ambientais, que excede a sua capacidade de lidar com o problema usando meios próprios. (DEFESA CIVIL, 2017).

Desta forma, as populações mais afetadas por desastres naturais são aquelas que vivem em um estado de vulnerabilidade e fragilidade socioambiental, estando ela de acordo com sua posição geográfica e situação econômica, seja dentro da área urbana ou rural. De acordo com Santos (2015, p.77), "as mudanças promovidas pelas sociedades humanas, no meio físico natural, promoveram profundas transformações na estrutura e no funcionamento dos sistemas ambientais." As inundações estão intensamente relacionados com essas modificações, sendo elas causadas por chuvas incessantes, juntamente com saneamento básico precário e mudanças no curso do leito dos rios. Ou seja, o crescimento populacional e a sua dispersão é um dos fatores que mais tem contribuído para a ocorrência dos fenômenos naturais. O impacto também concerne a concentração populacional contingente, acarretando um maior número de vítimas, especialmente em nações em que o desenvolvimento se dá através de um caráter desigual. Desta maneira, quanto maior a modificação feita para suprir as necessidades ou desejos de determinada população, maior será o impacto do desastre. Tal vulnerabilidade também diz respeito a impermeabilidade do solo, construção de calçadas que diminuam a superfície de infiltração, pavimentação das ruas, construção inadequada de edificações, desmatamento das encostas e má destinação do lixo produzido pelas residências e pelo comércio local. Além disso, as instituições que prestam serviços relacionados a tais acontecimentos estão voltadas mais para as consequências do que para a prevenção e o manejo dos mesmos. Diante disso, Santos (2015, p. 79) evidencia que,

A exposição aos riscos e a capacidade de resposta da sociedade estão diretamente relacionadas às condições socioeconômicas dos grupos sociais afetados. Não por acaso, a vulnerabilidade é maior nos países em desenvolvimento, o que expõe a fragilidade da sociedade e das instituições em lidar com as situações de crise.

Sendo assim, os episódios de desastres naturais, bem como as suas consequências, tratam-se de uma interação entre a organização social e um fenômeno natural. Essa interação tem por base dois pontos específicos e não menos importantes: a vulnerabilidade social e sua capacidade de resiliência. Nesse sentido, esses dois aspectos refletem uma questão social e individual ao mesmo tempo, uma influenciando a outra. Além da resiliência presente na individualidade dos acometidos pelos desastres naturais, há também a resiliência da cidade. Segundo a Defesa Civil de Santa Catarina (2012, s. p.) “uma cidade resiliente é aquela que tem a capacidade de resistir, absorver e se recuperar de forma eficiente dos efeitos de um desastre e de maneira organizada prevenir que vidas e bens sejam perdidos”. Ademais, a resiliência da cidade também está relacionada com a sustentabilidade da região. Portanto, a Defesa Civil criou uma campanha para auxiliar os governos municipais na conscientização da população, uma vez que em situações de crise, a administração municipal é o primeiro órgão a ser acionado para uma resposta perante a situação. Para poder diminuir a vulnerabilidade e os impactos causados pelo ser humano, a Defesa Civil propõe que os governantes também se conscientizem e apoiem estratégias para promover práticas mais sustentáveis. Tais ações fazem com que a sociedade se comprometa mais com o ambiente natural em que estão inseridas, demonstrando que suas ações podem contribuir para um aumento na qualidade de vida, na geração de empregos e na diminuição das desigualdades sociais.

2.1 CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS

A saúde mental das pessoas pode ser profundamente afetada quando ocorre algum desastre. Segundo o DSM-V (p. 274-275), “a característica essencial do Transtorno de Estresse Pós-Traumático é o desenvolvimento de sintomas característicos após a exposição a um ou mais eventos traumáticos.

A vivência do luto das perdas (humanas, econômicas e materiais) exige uma reação à situação e está relacionada com a capacidade de resiliência de cada indivíduo acometido pelo trauma. Essas reações serão adequadas com as experiências singulares, da qual atribui-se um significado próprio. Por mais que o indivíduo se utilize de estratégias para evitar as lembranças de um alagamento, existem vários sintomas capazes de trazer à tona o medo e a angústia do inesperado. Podendo ser vivenciado de várias maneiras, é comum que o indivíduo acometido pelo trauma venha a ter lembranças involuntárias, recorrentes e intrusivas do evento traumático. No caso de inundações acometidas pelo excesso de chuva, evento específico desta pesquisa, o sujeito poderá apresentar reações comportamentais que tendem a fazê-lo evitar o contato com a chuva. Fechar cortinas, erguer o som da televisão ou do rádio, podem ser comportamentos corriqueiros de quem já passou por este tipo de fenômeno natural. Sendo assim, de acordo com o DSM-V (p. 274-275),

Estímulos associados ao trauma são evitados de maneira persistente (p. ex., sempre ou quase sempre). O indivíduo costuma fazer esforços deliberados para evitar pensamentos, lembranças, sentimentos ou diálogos a respeito do evento traumático (p. ex., utilizando técnicas de distração para evitar recordações internas) (Critérios C1) e para evitar atividades, objetos, situações ou pessoas que desencadeiem lembranças do evento.

Por se tratar de um acontecimento imprevisto, é esperado que as reações emocionais sejam mais intensas, principalmente aqueles que causam grande impacto ambiental e social. As pessoas enlutadas podem utilizar-se de estratégias para fugirem do assunto e não expressarem os sentimentos relacionados a tal perda, que pode acarretar também a perda da sua identidade e de quem ela é no mundo. Conforme cita Caminha (2002, s. p.), “o TEPT é uma psicopatologia que se desenvolve como resposta a um estressor traumático, real ou imaginário, de significado emocional [...]”, ou seja, além de uma perda material, há um processo de luto relacionado ao desligamento daquilo que era significativo na vida da pessoa. Ainda segundo Caminha (2002, s. p.),

No cérebro humano, as alterações decorrentes do trauma nada mais são do que uma tentativa de resposta adaptativa à nova ordem imposta por eventos que desestruturam gerenciadores cognitivo-comportamentais, os Esquemas (conjunto de crenças, regras e pressupostos que regem nosso modo de ver e interpretar a nós mesmos e ao mundo).

Em contrapartida, uma das características de personalidade que pode-se encontrar nos indivíduos é a resiliência. Ela permite que a perda e o sofrimento causados pela inundaçãosejam elaborados da melhor maneira possível. Também considera-se resiliência a capacidade de resistir e se readaptar de maneira organizada ao acontecimento, visando o menor dano possível, seja ele material ou psicológico.

“No pós-desastre natural, as vítimas da enchente, ao construírem dispositivos de enfrentamento das perdas, necessitam desenvolver a capacidade de se acomodar e reequilibrar para superação do momento de crise, ou seja, esta é uma experiência vivenciada de forma resiliente” (GOMES, 2009, s. p.). Outra reação que pode ser esperada é buscar ou receber ajuda, uma vez que as pessoas que vivem em vulnerabilidade tendem a desenvolver mais as atitudes solidárias. Nesse aspecto, Krum e Bandeira (2008, p. 76), definem essa ajuda como sendo um copingcoletivo, segundo eles,

Esse processo instalado em função de uma ameaça ou perda real dos recursos promove os esforços realizados pelas pessoas em conservar, proteger ou reaver os elementos que valorizam. Estes esforços vão ao encontro do conceito de coping, considerando que estes dizem respeito ao modo como as pessoas lidam com dificuldades e situações estressantes.

Em uma visão cognitivista, o coping coletivo apresenta-se através de esforços comportamentais e cognitivos que auxiliam o ser a lidar com tais demandas na situação de crise, onde as mesmas sobrecarregam e/ou excedem a capacidade individual de lidar com o momento. De acordo com Sória (2006, p.548), “A resiliência é exatamente isto: a capacidade de resistir à adversidade e de utilizá-la como fator decrescimento. Ser resiliente é agir, no presente, motivadopor um projeto de vida e, não pelas perdas e danosresultantes dos traumas e dos reveses do passado²”. Para que se possa

saber como é estruturado o processo do coping, é necessário saber a demanda que o sujeito possui. Para isso, faz-se necessário estudar de forma precisa o contexto do acontecimento, conforme Krum e Bandeira (2008, p. 76),

Além disso, é necessário considerar o coping como um processo de constante transformação, no qual as estratégias utilizadas em determinado momento podem não ser as mesmas das avaliadas como adequadas ao enfrentamento de outra situação. Nesse sentido, implicam a avaliação, a interpretação e a representação cognitiva do fenômeno percebido e a reavaliação desse em função das mudanças ocorridas na relação com o indivíduo.

Após o acontecimento do fenômeno natural, é comum que os indivíduos, ainda no processo de luto, ajam de forma a evitar falar do ocorrido. Esta é uma maneira que buscam para não reviver e lembrar os momentos de desespero, bem como evitar os sentimentos de medo e insegurança.

Juntamente com a insegurança e o medo de que o desastre pode vir a ocorrer novamente, há a tristeza e a angústia de perder o conforto do lar. Além da perda de móveis, eletrodomésticos e documentos, há também a perda de fotografias. Chegamos a um ponto em que as consequências ultrapassam as perdas materiais e afetam algo simbólico, algo que subsidia o indivíduo a lembrar acontecimentos importantes da sua vida. As fotografias podem transmitir vivências a serem repassadas de geração para geração, construindo além de memórias pessoais, a construção de uma identidade pessoal e familiar. Contudo, a angústia pode se repetir em cada momento em que aparece uma única nuvem no céu, ou quando as primeiras gotas de chuva caem sobre o solo. A passividade e a vulnerabilidade de quem já fora acometido por uma inundação se faz presente a cada episódio, pois os trabalhos estão focados muito mais no auxílio durante a emergência, e as residências permanecem na área de risco.

MÉTODO

Para alcançar o objetivo proposto na presente pesquisa, foram utilizadas as modalidades de pesquisa de campo através da pesquisa

qualitativa e quantitativa. Os estudos qualitativos possibilitam descrever a complexidade de determinado problema, podendo compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, além de possibilitar o entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos (RICHARDSON, 1999). Para se obter os resultados quantitativos, apontando numericamente a intensidade e a frequência comportamental dos entrevistados, foi utilizada a escala Post traumatic stress disorder checklist (PCL-C). Segundo Bringhenti, Luft e Oliveira (2010, p. 194),

A PCL-C é uma escala geral que pode ser usada em diversos grupos etários, desde adolescentes até idosos. Também pode ser utilizada para eventos traumáticos diversos, pois não contém questões específicas ao contexto do trauma.

Possuindo duas versões, uma para consequências de experiências militares e outra para avaliar as consequências de traumas em civis, a PCL-C foi desenvolvida em 1993 por Weathers e Cols. Além disso, encontra-se disponível sua validação através do artigo científico denominado Transtorno de Estresse Pós-Traumático em Acidentes de Trânsito: validação de

Escala, desenvolvido no ano de 2010 pelos autores Marta Elisa Bringhenti, Caroline Di Bernardi Luft e Walter Ferreira de Oliveira, ambos cientistas da área da saúde. Como instrumento para a obtenção dos dados qualitativos, foi empregada uma entrevista semiestruturada. Segundo Michel (2009), é bastante utilizada para estudar motivos, sentimentos e conduta das pessoas, e permite ao entrevistado ter maior “liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; permite explorar mais amplamente uma questão”. O método para análise destes dados foi utilizado análise de conteúdo de Bardin. Conforme Bardin. (1997, p. 38) “[...] aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. De acordo com Moraes:

Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos

problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação. (MORAES, 1999, p. 7).

A pesquisa é composta por seis adultos entre 30 e 70 anos de idade, sendo todas mulheres, selecionadas por conveniência e que tiveram suas residências invadidas pelas águas na inundação ocorrida no município de Maravilha/SC no ano de 2015. A aplica o da entrevista e da escala foi realizada mediante agendamento segundo a disponibilidade dos participantes deste estudo, além da grava o da mesma, após o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este termo esclarece e informa o participante de forma a auxiliá-lo a tomar sua decisão de participar da pesquisa de uma maneira justa e sem constrangimentos.

4 APRESENTA O E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

A análise dos dados quantitativos deu-se por meio da aplica o da Escala PCL-C, também conhecida como PTSD Checklist – Civilian Version (PCL-C). Segundo Bringhenti, Luft e Oliveira (2010, p. 194) “A escala PCL-C foi desenvolvida para mensurar a magnitude do trauma ou se ele atinge determinado grau para que seja considerado um transtorno”. Sendo assim, a escala foi desenvolvida inicialmente por Weathers e cols no ano de 1993, tendo como base critérios diagnósticos do DSM-III-R para Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Bringhenti, Luft e Oliveira (2010) ressaltam que se trata de uma escala geral que pode ser utilizada com diversas faixas etárias. Além de ser um instrumento de rápida e autoaplica o, não cont m questões especificamente do contexto do trauma, podendo assim ser utilizada em diversos eventos traumáticos. A PCL-C   dividida em três dimensões e composta por 17 itens no total. Tais dimensões têm a denomina o de Reexperi ncia do Trauma (itens 1, 2, 3, 4 e 5), Evita o (itens 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12) e Hiperestimula o (itens 13, 14, 15, 16 e 17). Conforme Bringhenti, Luft e Oliveira (2010, p. 195), A dimensão reexperiência do trauma inclui sinais e sintomas como reviv ncias, altera es do sono, pesadelos, sofrimento

psicológico e reatividade fisiológica decorrente de lembranças do evento. A dimensão evitação inclui sinais e sintomas, como esforço para evitar pensamentos negativos, lugares e atividades que evoquem o evento, lapsos de memória, desmotivação e sentimento de futura abreviado. A dimensão hiperestimulação inclui sinais e sintomas, como insônia, hipervigilância, sobressaltos e irritabilidade intensa.

Existem duas possibilidades de análise da pontuação, sendo uma delas a soma total dos pontos (sugerida por Weathers e cols) e outra, de acordo com o DSM IV (1995), através do número de itens de cada dimensão. Desta maneira, o participante deve assinalar, no mínimo, dois itens da dimensão de hiperestimulação, três itens da dimensão de evitação e um item da dimensão que refere a reexperiência. Por tanto, utilizou-se a validação da escala PCL-C de Bringhenti, Luft e Oliveira, os quais analisaram as pontuações de acordo com o DSM IV. Cada item das três dimensões possuem uma intensidade de 0 a 10 a serem assinaladas de acordo com a percepção do entrevistado. Através dos resultados obtidos na validação da escala PCL-C, obteve-se um ponto de corte de 0,68 pontos. Por meio da aplicação da escala PCL-C nos entrevistados da presente pesquisa, constatou-se que uma das participantes (16,66%) alcançou um escore de 0,900 pontos, identificando-se o Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Alcançando um percentual de 50% (três participantes) encontraram-se com escores entre 0,650 e 0,666 pontos, ficando próximo à pontuação necessária para que o transtorno seja identificado. Finalizando com uma pontuação de 0,116 e um percentual de 33,33%, estão duas das seis entrevistadas, não tendo desenvolvido o TEPT.

Através da análise do conteúdo das entrevistas e da escala que visa a identificação do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) PCL-C (2010), foram identificadas as seguintes categorias, definidas a posteriori: 1) Perdas, 2) Reações Psicológicas e 3) Transformações do cotidiano.

3 CONCLUSÃO

Através da análise dos dados coletados nas entrevistas, percebeu-se que a vivência das perdas, apesar de dar de uma maneira singular, possuem aspectos em comum entre as participantes. Destacaram nas suas falas a dor de terem perdido os bens que tanto “lutaram” para conquistar, bem como os sentimentos que ainda se fazem presentes no seu cotidiano. As vítimas referem que nunca imaginavam que algo daquela proporção viesse a ocorrer. Expressam sentirem-se nervosas e amedrontadas quando o céu fica nublado, pois temem que ocorra outra inundação parecida ou algo ainda pior. Percebeu-se que, apesar das perdas de algo tão simbólico para as mesmas, ainda acreditam como sendo perdas pequenas diante da finitude da vida. Diante dos dados coletados, percebeu-se as principais reações diante do acontecimento inesperado. Quando há indícios de chuva ou quando já está chovendo, a grande maioria das entrevistadas permanece em estado de alerta, algo que gera comportamentos de proteção como: fechar janelas e cortinas, erguer móveis, ficar acordada durante a noite e verificar se o nível de água do rio está subindo. Convivem com as consequências do fenômeno, com o nervosismo, com o medo e com a insegurança oriundos dele. Com a realização das entrevistas, pode-se perceber que apesar de o acontecimento ter sido no ano de 2015, suas consequências permanecem vivas até o presente momento do ano de 2017, em virtude de uma série de estímulos estressores. Mostraram-se emocionadas ao relembrar do ocorrido e das cenas que vivenciaram, mas que, apesar disso, acreditam em um poder divino que não permitirá que o fenômeno venha a ocorrer novamente. Ademais, percebe-se que as vítimas encontram-se em estado de vulnerabilidade após o ocorrido. Perante essas considerações, percebe-se a necessidade de uma maior assistência às vítimas acometidas pelos desastres naturais pelo fato de precisarem de uma ajuda imediata e de longo tempo. Sendo assim, é visível a importância da criação de estratégias que visam a redução dos danos, bem como a criação de uma rede de apoio entre a sociedade, a defesa civil e os órgãos municipais. Tais cuidados devem estender-se para o pós-desastre a fim de promover maior

conscientização sobre os fatores de risco que desencadearam o mesmo, bem como os modos de prevenção. Levando em consideração que a área da Psicologia que estuda os desastres e emergências ainda se encontra em processo de desenvolvimento, o presente artigo sinaliza.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Pág. 274-275. Bardin, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: edições 70, 1977.

BARLOW, David H.; DURAND, V. Mark. Psicopatologia: Uma Abordagem Integrada. 4 ed. São Paulo/SP, 2008. Pág. 172.

BRINGHENTI, Marta Elisa; LUFT, Caroline Di Bernardi; DE OLIVEIRA, Walter Ferreira. Transtorno de Estresse Pós-Traumático em Acidentes de Trânsito: validação de escala. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n2/v15n2a07.pdf>>. Acesso em 18 Fev. 2017.

CAMINHA, R. M. Grupoterapia Cognitivo Comportamental Em Abuso Sexual Infantil. São Paulo: Arbytes Editora, 2002.

DEFESA CIVIL. Proteção e Defesa Civil. Glossário. Disponível em: <<http://www.defesacivil.sc.gov.br/index.php/component/glossary/Gloss%C3%A1rio1/D/DESASTRE-21/>>. Acesso em: 28 Mai. 2017.

DEFESA CIVIL. Municípios. Cidades Resilientes. Disponível em: <<http://www.defesacivil.sc.gov.br/index.php/municipios/cidades-resilientes.html>>. Acesso em: 28 Mai. 2017.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 10, n. 2, p. 177-180, Ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2005000200003&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 28 Out. 2017.

GOMES, Erika Ravena Batista; CAVALCANTE, Ana Célia Souza. Desastres Naturais: Perdas e Reações Psicológicas de Vítimas de Enchente em Teresina – PI. 2009. 17

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822012000300025>. Acesso em: 15 Out. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos municípios Brasileiros 2013. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2013/pdf/tab19.pdf>. Acesso em: 28 Maio. 2017.

KRUM, Fernanda Menna Barreto; BANDEIRA, Denise Ruschel. Enfrentamento de Desastres Naturais: O Uso de um Coping Coletivo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n39/v18n39a08.pdf>>. Acesso em: 12 Nov. 2016.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 2. Ed, 2009.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999.

PERES, Julio FP; MERCANTE, Juliane PP; NASELLO, Antonia G. Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 27, n. 2, p. 131-138, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a03.pdf>> Acesso em: 26 Out. 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

Sobre o(s) autor(es)

*Psicóloga, bacharel e do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus Aproximado de Pinhalzinho. E-mail: maiaralurdesleite@gmail.com

**Orientador. Psicólogo. Professor do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Mestre em Desenvolvimento, Organizações e Cidadania. E-mail: Sandro.steffens@unoesc.edu.br